



GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):

Glúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)

Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2

Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

Na Baía de Sepetiba: os diferentes usos dado a natureza nos conflitos socioambientais

Autoria: Jessica Stella Rodrigues Varanda (bolsista)

A partir da análise dos conflitos socioambientais na Baía de Sepetiba, busca-se localizar as diferentes concepções sobre a natureza nesse território evidenciadas por projetos antagônicos de desenvolvimento. Em um primeiro momento, se discutirá os efeitos socioambientais da instalação de grandes empreendimentos em territórios com modos de vida tradicionais. Em seguida, por meio de uma análise etnográfica e de documentos judiciais e institucionais busca-se identificar como os atores envolvidos nos conflitos socioambientais na Baía de Sepetiba mobilizam em seus discursos ideias muito diversas acerca da natureza. A Baía de Sepetiba, nos últimos anos, recebeu uma série de empreendimentos no seu entorno, como: terminais portuários com capacidade de escoamento de diferentes produtos, um estaleiro e uma usina siderúrgica. Eles possuem um alto potencial de efeito social, ambiental e à saúde na medida em que se caracterizam pela exportação de commodities para o mercado internacional. A região possui importantes ecossistemas ainda preservados como: a restinga da Marambaia, os manguezais e áreas remanescentes de Mata Atlântica. Assim, a destruição desse ecossistema inviabiliza alguns modos de vidas tradicionais. A região é um local em que vivem populações tradicionais que praticam a pesca artesanal, atividade de work e cultural ainda muito presente na Baía de Sepetiba, que vem sofrendo inúmeros efeitos socioambientais desde a instalação de uma série de indústrias no local. Entretanto, os efeitos na pesca artesanal se agravaram, na



última década, devido à intensificação da atividade industrial e siderúrgica no local, o que dificulta e/ou impossibilita a atividade pesqueira. Desta forma, pode-se observar que as empresas da região têm uma concepção de natureza como fonte de recurso econômico e matéria prima, já as populações tradicionais como um meio de reprodução de seu modo de vida e subsistência, pautado nas relações culturais estabelecidas de geração em geração. Como também, que os grandes empreendimentos buscam uma exploração intensiva da natureza sem atentar para outras formas de interpretação de uso da natureza, como a pesca artesanal, que está muito imbricada com práticas culturais muito antigas de produção em pequena escala, que provocam menos desequilíbrios aos recursos naturais em relação aos usos dos grandes empreendimentos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: